

# IBGE prevê crescimento de 6,1% do PIB em 1995

## Economia expandiu-se 10,5% no primeiro Semestre

por Vera Saavedra Durão  
do Rio

O Produto Interno Bruto (PIB) poderá crescer 6,1%, neste ano, segundo projeção do coordenador do Departamento de Contas Nacionais (Decna) do IBGE, Almir Cronemberger, que divulgou a taxa recorde de expansão da economia brasileira no primeiro trimestre deste ano, de 10,5%, ante igual período do ano passado. Essa taxa foi alavancada pela indústria de transformação, que cresceu 16,2% no período.

Na comparação com o último trimestre de 1994, porém, o PIB do primeiro trimestre cresceu apenas 3,07%, bem abaixo dos 4,76% registrados no trimestre do ano passado. Isso sinaliza uma tendência de desaceleração da atividade econômica nos dois próximos trimestres, disse Cronemberger.

Na sua análise, as medidas anticongestão e os juros altos deverão levar a um recuo de pelo menos três pontos percentuais nos indicadores de produção de bens e serviços entre o segundo e terceiro trimestres. O esgotamento da capacidade de endividamento dos consumidores também influirá na queda da atividade econômica.

Para o último trimestre do ano, Cronemberger prevê um cenário otimista de retomada da atividade ancorada na queda dos juros, recuo da inflação, melhoria das contas externas e retorno do capital estrangeiro ao País, que vai propiciar, a despeito do aperto monetário, o crescimento do PIB brasileiro pelo terceiro ano consecutivo.

O setor industrial vem sendo o motor de expansão da economia. Se comparado a igual período de 1994, a indústria em geral cresceu 14,29% de janeiro a março último. A construção civil, que integra a indústria nos cálculos do PIB feitos pelo IBGE, cresceu 10,4%. Na comparação do primeiro trimestre de 1995 com o último trimestre de 1994, a indústria apresentou um avanço bem mais moderado (2,97%). A indústria de transformação cresceu 3,56%, enquanto a construção civil teve declínio de 2,3%.

O setor agropecuário apresentou expansão de 7,16%, com a produção animal au-

## Produção cai 0,1%

A produção da indústria recuou 0,1% em março em relação a fevereiro informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na comparação com março do ano passado, o setor cresceu 13,3% e, no acumulado do primeiro trimestre, 15,5%. Nos últimos doze meses, a taxa ficou em 9,9%.

Pelo menos dez segmentos industriais tiveram queda de produção em março, registrando índices negativos segmentos mecânico (1%), elétrico (1%), de transporte (2%), mobiliário (4,1%), papel e papelão (0,1%), couros e peles (2,2%) e químico (2,2%). Alguns aumentos expressivos ocorreram no período, em setores como bebidas (9,7%), metalurgia (1,3%), extrativo mineral (3,5%) e plásticos (0,9%).

Sílvio Sales, economista do IBGE, destacou o discreto movimento de desaceleração da economia que vem ocorrendo desde o recorde mensal de produção industrial atingido em dezembro. "A partir de dezembro, no trimestre de janeiro a março, houve uma desaceleração acumulada de 2,3 pontos percentuais

nos indicadores da produção física da indústria", ressaltou Sales.

O economista acredita que esse movimento deverá aprofundar-se nos próximos meses, mas não há riscos de um cenário recessivo, apesar das medidas anticongestão e das altas taxas de juro fixadas pelo governo. Sua previsão é de que, no primeiro semestre, a produção industrial obtenha expansão acumulada de 12%, uma taxa ainda elevada.

Outro comportamento da indústria após o real, é a retomada dos investimentos, como ocorreu com a indústria de bens de capital que cresceu 32,5% no primeiro trimestre. Ainda que "impactado" pela demanda de bens de capital para a agricultura, que se expandiu 46,4%, os bens de capital para o setor industrial também aumentaram 22,6% entre janeiro e março, com os bens seriados crescendo 45% no período. Os segmentos produtores de equipamentos para a área de energia elétrica registram também elevada produção, com expansão de 49,3% nos três primeiros meses do ano.

(V. S. D.)

mentando 11,04%, e as lavouras, 4,06%. No setor de serviços, o crescimento foi de 8,26%, com destaque para o comércio (16,87%) e comunicações (24,4%). Cabe ressaltar que o segmento de comunicações, para cálculo do PIB real, é medido com base no número de impulsos de telefones, faxes, computadores e outros meios eletroeletrônicos. No caso das instituições financeiras, o resultado é negativo no período, de 5,64%. Como o setor é medido pelo nível de emprego, a queda indica, portanto, desemprego na rede bancária.

O comportamento desses números, ante o último tri-

mestre do ano passado, revela um desempenho mais contido, mas ainda elevado. A agropecuária aumentou sua produção 5,21%, sendo 6,42% de produção animal e 4,32% para as lavouras. No setor de serviços, o crescimento foi de 2,52%, com o comércio expandindo-se em 3,75% e as comunicações, 9,22%.

Cronemberger lembrou que a economia, no primeiro trimestre, apresentou um nível de atividade 38,53% acima do de 1980, o que não é muito, se descontados os 31,02% correspondentes à taxa acumulada de crescimento da população no período.